

O amor definiu a filosofia desde o seu início

Love has defined the philosophy since its beginning

Resumo

Este trabalho tem como objetivo provocar uma reflexão acerca do amor na Filosofia e na Psicanálise. Esta reflexão parte do que há de enigmático na união de philos e sophia ou sophos, bem como da ideia de que o amor define o campo do conhecimento desde o seu início. Parte-se dos interlocutores de O Banquete de Platão para uma conversa com a Psicanálise lacaniana. Problematiza-se a noção do amor que remete à complementariedade do humano ante a impossibilidade da relação sexual anunciada por Jacques Lacan.

Palavras-chave: amor; filosofia; O Banquete; psicanálise; Jacques Lacan.

* Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Contato: claudia.perrone@ufrgs.br

** Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Contato: eduardo.britz@gmail.com

*** Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Contato: flaviatbuechler@gmail.com

**** Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Contato: gabriela.gs2011@gmail.com

***** Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Contato: julianamartinscosta@gmail.com

Recebido em: 26/05/2023 Aceito em: 30/05/2023

Abstract

*This work aims to provoke a reflection about love in Philosophy and Psychoanalysis. This reflection starts from what is enigmatic in the union of *philos* and *sophia* or *sophos*, as well as the idea that love defines the field of knowledge from its beginning. It starts with the interlocutors of Plato's Banquet for a conversation with Lacanian Psychoanalysis. It problematizes the notion of love that refers to the complementarity of humanity in face of the impossibility of the sexual relationship announced by Jacques Lacan.*

Keywords: love; philosophy; The Banquet; psychoanalysis; Jacques Lacan.

Iniciaremos com a seguinte ideia: um conceito tem um acento significativo imanente. A partir dessa lógica, existem deslocamentos e condensações que remetem a um “trabalho onírico” em um conceito. Nesse sentido, a união de *philos* e *sophia* ou *sophos* constitui um dos maiores legados da história do Ocidente. No entanto, a junção das duas palavras guarda um enigma, pois falamos de saber ou sabedoria? Falamos de amizade ou amor?

A errância da junção das duas palavras torna possível dizer que a filosofia tem no seu próprio nome o amor, mais exatamente, o amor ao conhecimento. Se pensarmos que a psicanálise se constituiu mediante o tratamento das mulheres histéricas, também podemos dizer que ela foi instituída pela via do amor, fundando um modo de amar ligeiramente diferente na nossa cultura, o amor da transferência. Sigmund Freud¹ declarou que o amor transferencial é produzido artificialmente em uma situação analítica, tratando-se apenas de um semblante de amor, um dispositivo que sustenta o processo analítico.

Na verdade, a filosofia explicou o fenômeno da transferência, conforme afirmou Jacques Lacan referindo-se à obra de Platão *O Banquete* no *Seminário 8 - A Transferência*. O analista francês faz essa afirmativa partindo da premissa de que o texto gira em torno do que ele chamou de “a primeira transferência

1 Freud, S. Observações sobre o amor de transferência (1915). In Freud, S. *Observações psicanalíticas sobre um caso de paranoia relatado em autobiografia (“O caso Schreber”), artigos sobre técnica e outros textos (1911-1913)*. Vol. 10. Trad. Paulo César de Souza. SP: Companhia das Letras, 2010.

analítica”² registrada, assinalando também o parentesco ético, ainda que imperfeito, entre a psicanálise e o projeto filosófico grego: “Estou falando de Sócrates - Sócrates posto, assim, na origem, vamos dizê-lo sem demora, da mais longa transferência - o que daria a essa fórmula todo o seu peso - já conhecida pela história”³.

O *Banquete* narra um jantar filosófico em homenagem ao sucesso de Ágaton, ocorrido na noite anterior, na tragédia grega. Um por um, os convidados presentes fazem um discurso de louvor a Eros, obedecendo a diferentes graus de rigor das convenções retóricas reconhecidas para discursos deste tipo em tais circunstâncias. A festa e os discursos são interrompidos pela chegada de Alcibiades, bêbado, que subverte a ordem das coisas. O famoso e notável guerreiro diz que não vai elogiar a Eros e sim a Sócrates. Fala sobre o seu amor por ele, seu sofrimento, suas tentativas vãs de seduzir Sócrates. No final recomenda a Ágaton que não se deixe seduzir por Sócrates. A narrativa termina abruptamente quando mais foliões bêbados entram na sala, e a testemunha original da ocasião adormece, sem dúvida sentindo os efeitos das grandes quantidades de vinho consumidas.

A nova premissa da interpretação de Lacan nesse texto exaustivamente dissecado é que a queixa de Alcibiades contra Sócrates manifesta o que Freud chamou de amor de transferência⁴. Lacan acrescenta que a resposta à denúncia de Alcibiades pode ser frutiferamente comparada ao ato da interpretação psicanalítica. Sócrates, esse ambíguo elo perdido entre a filosofia e a sofística, entre o Mestre e o Analista, é declarado o inventor da transferência: uma verdadeira histórica abordando e questionando o saber dos mestres gregos. Sócrates não apenas inventou a filosofia, ele foi, a esse respeito, o primeiro pensador filosófico puro, mas também inventou a filosofia precisamente ao introduzir uma técnica específica de como manipular o amor ao conhecimento.

No seminário sobre a transferência, Lacan segue os termos gregos para os parceiros amorosos porque trazem à tona a não reciprocidade e assimetria da relação, que na verdade não é uma relação no sentido lógico adequado do termo. Lacan assume o pressuposto grego que se deve ser um parceiro ativo ou passivo no amor: *érastês* ou *érôménos*, o amante e o amado. O amante é caracterizado pela falta que o leva a buscar completude no amado. No entanto,

2 Lacan, J. No começo era o amor (1960). In Lacan, J. *Seminário, livro 8: a transferência (1960-61)*. Trad. Dulce Duque Estrada. RJ: Zahar, 1992, p. 24.

3 Idem, p. 15.

4 Idem.

Lacan acrescenta apenas que o amante desconhece a margem do que lhe falta. Da mesma forma, o amado permanece ignorante de sua qualidade que atrai o desejo do amante. Em sua apropriação dessas ideias gregas para a psicanálise, Lacan enfatiza que “o que falta a um não é o que existe, escondido, no outro”⁵, expresso também no aforismo lacaniano “não há relação sexual”⁶.

Coletivamente, os três primeiros discursos de *O Banquete* – os de Fedro, Paúsânias e Erixímaco – oferecem uma elevada idealização do amor em sua suposta função de catalisador da virtude estética, política e moral. Lacan argumenta:

*Existe, ainda assim, algo de bastante humorístico em pensar que, durante quase vinte e quatro séculos de meditação religiosa, não houve uma única reflexão sobre o amor, fosse pelos libertinos, fosse pelos padres, que não se referisse a esse texto inaugural.*⁷

Não existe nada de estranho na observação lacaniana pois existem fissuras na superfície do amor elevado e feliz nos primeiros discursos de *O Banquete*. A mensagem inquietante e transgressora será marcada pela entrada de Alcibíades, marca da ironia platônica que se manifesta de maneiras complexas ao longo dos diálogos.

No final do elogio de Erixímaco – o último dos três discursos “menores” iniciais do diálogo – o leitor atento será forçado a repensar quaisquer pensamentos ensolarados que possa ter sobre os poderes de edificação moral do amor. Mas é apenas com a narrativa seminal sobre arrogância mortal e retribuição divina recontada pelo comediante Aristófanes, inimigo declarado de Sócrates e seu contraponto satírico, que nos é dado um discurso menos otimista, na verdade trágico – na verdade tragicômico, para ser perfeitamente preciso – sobre o amor. Aristófanes alerta que os discursos iniciais sobre o amor ignoram as mudanças na natureza humana⁸.

Para Aristófanes, o amor resulta da nossa ação contra a vontade divina. Ele explica que no começo, assim diz a história, os seres humanos eram de forma esférica com dois pares de braços e pernas, duas cabeças voltadas para fora

5 Ibidem, p. 46.

6 Lacan, J. ... *ou pior* (1971-72). In Lacan, J. *Outros Escritos*. Trad. Vera Ribeiro. RJ: Zahar, 2003, p. 546.

7 Lacan, J. *op. cit.*, p. 47.

8 Platão. *Diálogos*. Trad. Carlos Alberto Nunes. Belém: Universidade Federal do Pará, 1980.

e dois conjuntos de órgãos genitais circunferenciais posicionados de modo a permitir a cópula com a terra. Essas criaturas vieram em três variedades, a primeira composta de duas metades masculinas, a segunda de duas femininas, a terceira de uma de cada, e elas saltavam e rolavam com tal abandono alegre que os deuses não eram mais capazes de controlar seu comportamento. Por esta razão, Zeus decide puni-los, dividindo-os ao meio, esticando suas peles para cobrir suas feridas e virando suas cabeças para colocar as cicatrizes deixadas por sua violenta divisão à vista de toda a vergonha.

Infelizmente para Zeus, no entanto, seu plano falha, pois assim que os parceiros se redescobrem, eles se reencontram em êxtase arbitrário, abrindo mão das necessidades da vida para prolongar sua união apaixonada, mas não sexual, pois o lado “ferido” que marca a separação, foi efetuado, e não correspondia à localização dos órgãos genitais. Temendo uma interrupção nos sacrifícios que os humanos normalmente realizam em sua homenagem, Zeus se envolve em uma segunda intervenção cirúrgica, desta vez transferindo os órgãos genitais das meias-esferas de seu antigo exterior para seu antigo interior, inaugurando um regime de reprodução sexual, ou mais propriamente da sexualidade, já que apenas um dos três tipos possíveis de união é capaz de produzir a reprodução como resultado.

Oferecendo sua estranha pequena história como uma explicação para “o desejo inato dos seres humanos uns pelos outros começou”, Aristófanes acrescenta que esse desejo “tenta fazer um de dois”, visando assim a “curar a ferida na natureza humana”¹⁰. O parentesco dessa ferida com a ferida psíquica da castração, alicerce da teoria freudiana, fica bastante evidente na interpretação do mito que o próprio Aristófanes fornece.

Contudo, o mito se torna ainda mais interessante do ponto de vista psicanalítico quando Aristófanes especifica que a intensa emoção desencadeada quando um homem “amante de meninos”¹¹ redescobre sua outra metade há muito perdida – a essa altura o poeta deixou de lado sua impressionante apreciação pela diversidade do que hoje chamamos de escolha de objeto em favor do androcentrismo pederástico grego – que vai muito além do mero sentimento sexual. A intensidade desses novos desejos de fato transcende as capacidades de compreensão humana, fazendo com que os homens que

9 Ibidem, p. 243.

10 Ibidem, p. 243.

11 Ibidem, p. 245.

os experimentam ajam de maneiras que eles não conseguem imaginar. Diz Aristófanes: “é claro que cada um deles tem algum desejo em mente que não consegue articular; em vez disso, como um oráculo, ele [apenas] compreende parcialmente o que deseja e insinua obscuramente”¹².

Lacan acrescenta, a essas intuições precoces de um desejo além dos limites da consciência humana, o argumento de que a violação da perfeição esférica, uma forma louvada, novamente talvez ironicamente, por sua altiva autossuficiência no *Timeu* de Platão, mas também em Empédocles e na geometria, de maneira mais geral, é uma condição conceitual para o avanço da episteme – ciência, traduz Lacan – que ele associa às particularidades do ensino socrático em sua ênfase formal e analítica no que hoje chamaríamos de oposições significantes ou binárias¹³. Quando Zeus divide as esferas humanas alegremente saltitantes, e as metades passam a lutar com a simbolização de seus novos desejos, em termos lacanianos, ele põe em prática uma transição da conclusão imaginária de autossuficiência para uma lei simbólica baseada na perda e na divisão. Para ilustrar sua afirmação, Lacan¹⁴ oferece um exemplo da história da astronomia, na qual Kepler corrigiu a “fantasia histórica” copernicana da perfeição esférica ao demonstrar que as órbitas dos planetas são elípticas em vez de circulares, ilustrando assim como o real astronômico tende a violar a idealidade geométrica com a qual nossa intuição parece tão apaixonada.

Infelizmente, porém, esta contemplação intuitiva do cosmos só pode impedir o avanço do pensamento. Mais precisamente, o fascínio exercido pela forma esférica atrai efetivamente o desejo humano de uma forma que detém, no plano concreto da história da ciência, o progresso do conhecimento astronômico. O mito peculiar de Aristófanes produz para Lacan¹⁵ uma deflação tragicômica e zombeteira da esfera em sua função como uma figura através da qual os poderes da consciência humana e, por extensão, sua apreensão do cosmos que a cerca, recebem um lugar de destaque fundamental no pensamento. A esfera é a forma na qual a subjetividade humana projeta uma

12 Plato. *The Symposium* (Penguin Great Ideas) [iBooks]. Trad. Christopher Gill e Desmond Lee. UK: Penguin Books, 2006. No original: “It’s clear that each of them has some wish in his mind that he can’t articulate; instead, like an oracle, he half-grasps what he wants and obscurely hints at it” (p. 54).

13 Lacan, J. op. cit.

14 Lacan, J. O amor e o significante (1973). In Lacan, J. *Seminário, livro 20: mais ainda (1972-73)*. Trad. M. D. Magno. RJ: Zahar, 1985.

15 Lacan, J. op. cit.

imagem de um ser perfeitamente autossuficiente, uma consciência desprovida de falta e desejo. De fato, na visão de Lacan, essa projeção provou ser tão intelectualmente inibidora que antecipou por séculos o advento das formas de pensamento linguístico-semióticas, lógicas e matemáticas decididamente anti-intuicionistas que, juntas, marcam o pensamento lacaniano.

A Filosofia não é isenta de falta

No *Seminário 17 - O avesso da psicanálise*, Lacan aborda “a impotência da verdade” e “o poder do impossível [o real]” em duas sessões consecutivas, com base na observação de Freud de que “a relação analítica [...] *Wahrheitsliebe*, está fundada no amor à verdade [...] *Realität*, o que quer dizer – no reconhecimento das realidades”¹⁶. Na primeira sessão, Lacan aponta que o amor à verdade se resume ao amor à fraqueza, na medida em que a verdade esconde a castração, que constitui a fraqueza original dos seres falantes. O amor filosófico à verdade é enganoso e deslocado se for cego ao fato de que os seres falantes são castrados pela linguagem. Quem afirma amar a verdade deve voltar-se para o amor à castração como condição inevitável dos seres falantes. Esta redefinição do amor à verdade proposta pelo psicanalista nos leva a dar atenção ao poder do Real na sessão seguinte. Aqui, remodelando a noção freudiana de realidade com sua noção de Real, Lacan manifestamente o coloca antes da verdade. Ele observa que, embora a verdade seja uma intrigante decepção ao analista, só o Real, que é ao mesmo tempo uma oportunidade e um risco, pode subverter um discurso mestre como o da filosofia. Em suma, Lacan reformula a citação de Freud por meio da afirmação de que o amor à verdade é suspeito a menos que revele a impotência, e que o reconhecimento da realidade dá lugar ao poder paradoxal do Real.

Lacan afirma que o amor filosófico, o amor “eterno”, não pode ser sustentado – ou seja, sustentado no sentido material, porque o objeto do amor filosófico, um saber excedente, não existe. Uma versão mais geral do problema diria respeito à relação entre pensamento e Real: o Real pode se tornar uma questão de pensamento? A resposta de Lacan é afirmativa, sob a condição de que essa falta filosófica seja substituída por um novo amor filosófico, que desce da eternidade para o tempo. E o Real só pode se tornar uma questão de

16 Lacan, J. A impotência da verdade (1970). In Lacan, J. *Seminário, livro 17: o avesso da psicanálise (1969-70)*. Trad. Ary Roitman. RJ: Zahar, 1992, p. 157.

pensamento na medida em que o pensamento se torna matéria. Esse é o ponto básico da virada topológica da falta para o buraco – e conseqüentemente, do significante ao nó borromeano, da transferência simbólica ao forçamento real – voltado tanto para a filosofia quanto para a psicanálise, Platão e Freud.

Segue deste ponto a introdução lacaniana de uma mudança na concepção freudiana sobre o amor. Enquanto Freud¹⁷ insiste no caráter narcísico do amor, Lacan demonstra que o amor pressupõe a existência positiva do Outro e que, mesmo o amor narcísico, pode não ser totalmente reduzido ao imaginário. Há sempre uma certa referencialidade à dimensão simbólica do amor que resiste à sua redução ao narcisismo.

Lacan¹⁸ ainda adota a ideia freudiana do amor narcísico quando relaciona sua análise do amor à questão filosófica do Um. Aqui, Freud e Lacan compartilham a mesma referência, *O Banquete* de Platão. Para simplificar o assunto, Freud define Eros como a tendência para o Um, que se esforça para se apropriar do objeto, que preencheria a falta subjetiva. Lacan segue essa linha de pensamento quando afirma que o amor opera no plano da impotência e se define por uma ignorância fundamental. O amor pode ter como objetivo o *ser e*, portanto, o Outro, mas na medida em que representa uma articulação da falta subjetiva, ignorando o fato de que é essencialmente uma tendência a “ser Um”.

Contudo, a impotência do amor está ligada à sua incapacidade de chegar ao Outro, sem trazê-lo de volta à questão do Um. Aqui, tanto Freud quanto Lacan relembram o mito de Aristófanes, em que o amor é apresentado como busca da metade perdida e, portanto, justamente como tendência a reduzir o Outro ao objeto que se supõe para preencher a falta subjetiva. Nesse sentido, o amor é uma articulação de uma falta subjetiva no Outro, pelo qual o Outro se divide em si mesmo, simbolizado por “A”, o grande Outro como sinônimo da ordem simbólica, e “a”, o objeto-causa do amor, que se expõe e se desprende do Outro. Esta redução também demonstra que o amor em fato visa ao semblante – a ser o semblante por excelência – e que nunca é unívoco: a afirmação do Outro implica sempre a sua redução ao objeto.

Em vista destas considerações, é possível detectar a diferença básica entre Freud e Lacan, por um lado, e entre filosofia e psicanálise, por outro. A afirmação de Lacan diz respeito a todo amor, e nesse sentido, ele não faz

17 Freud, S. Introdução ao narcisismo (1914). In Freud, S. *Introdução ao narcisismo, ensaios de metapsicologia e outros textos (1914-1916)*. Vol. 12. Trad. Paulo César de Souza. SP: Companhia das Letras, 2010.

18 Lacan, J. op. cit.

distinção entre o amor de transferência, essa formação supostamente artificial ou produto da situação analítica, e o amor fora da análise, aquele que “acontece” entre dois sujeitos. Visando ao *ser*, amor também visa ao Outro, pois a questão do *ser* se articula precisamente no Outro. Aqui, a referência de Lacan é obviamente Heidegger, que ligou o desvelamento do *ser estar* na linguagem, esse Outro por excelência.

Considerações finais

No seu ensino, Lacan sublinha que o objetivo do discurso psicanalítico é forçar a passagem “da impotência à impossibilidade”¹⁹, portanto da aparência ao Real, do amor ao gozo. Do ponto de vista do amor de transferência, esta passagem aparece como uma dissolução do amor, uma saída do campo do amor. Isso implica também o gesto de sair do discurso filosófico como fortaleza do amor transferencial – do amor de transferência que se quer como sistema. E a pergunta pode, de fato, ser formulada assim: pode o amor suportar a passagem da impotência à impossibilidade? Depois que saímos do amor de transferência, existe uma dimensão de amor que seria o efeito desta passagem? Em suma, existe um “novo amor”?

O discurso psicanalítico assume, assim, uma dupla posição diante da questão do amor. Em primeiro lugar, o amor desempenha o papel de uma certa orientação no pensamento, sinaliza a mudança de razões. Se o discurso psicanalítico deu um golpe no narcisismo do humano, como Freud notoriamente declarou, então pode-se concluir que a invenção freudiana descobriu o amor como descentralização do pensamento. Enquanto na Filosofia o amor ainda opera como uma normalização, na Psicanálise ele produz uma luta interna ao ferir o narcisismo, justamente realizando um golpe em um certo tipo de amor.

Ao mesmo tempo, o amor expõe e representa a não relação entre a posição de impotência e a posição de impossibilidade, apresentando-o como um encontro impossível entre analisando e analista. Por meio do qual essa configuração é repetida na situação analítica – e é precisamente aqui que a Psicanálise apaga a diferença com o amor “normal” –, a não relação entre os sexos, ou a não relação que a Psicanálise afirma formar o próprio núcleo da sexualidade, a não relação que assume o próprio estatuto de Real psicanalítico: “não há relação sexual”.

19 Lacan, J. Os sulcos da aletosfera (1970). In Lacan, J. *Seminário, livro 17: o avesso da psicanálise (1969-70)*. Trad. Ary Roitman. RJ: Zahar, 1992, p. 154.

Consequentemente, a determinação central de Lacan da relação entre amor e sexualidade é a seguinte: o amor complementa a relação sexual. Essa determinação é ambígua, porque Lacan²⁰ usa o termo francês *suppléer*, que significa tanto completar quanto substituir. A ambiguidade do próprio termo repete assim a ambiguidade do próprio amor, a incoerência que o define essencialmente, ou seja, que não há enunciação unívoca no amor. Em vez disso, o amor é colocado na própria cisão entre ser e não ser, entre o *il y a* da sexualidade e o *il n'y a pas* da relação sexual. Amor é uma reação ao não-ser da relação sexual no plano do *ser*, e, como tal reação, o amor se apresenta como a repetição simbólica e visibilidade imaginária da não relação sexual, seu efeito e sua reencenação.

Referências

- FREUD, S. Introdução ao narcisismo (1914). In FREUD, S. *Introdução ao narcisismo, ensaios de metapsicologia e outros textos (1914-1916)*. Vol. 12. Trad. Paulo César de Souza. SP: Companhia das Letras, 2010.
- FREUD, S. Observações sobre o amor de transferência (1915). In FREUD, S. *Observações psicanalíticas sobre um caso de paranoia relatado em autobiografia ("O caso Schreber"), artigos sobre técnica e outros textos (1911-1913)*. Vol. 10. Trad. Paulo César de Souza. SP: Companhia das Letras, 2010.
- LACAN, J. ... ou pior (1971-72). In LACAN, J. *Outros Escritos*. Trad. Vera Ribeiro. RJ: Zahar, 2003.
- LACAN, J. A impotência da verdade (1970). In LACAN, J. *Seminário, livro 17: o avesso da psicanálise (1969-70)*. Trad. Ary Roitman. RJ: Zahar, 1992.
- LACAN, J. No começo era o amor (1960). In LACAN, J. *Seminário, livro 8: a transferência (1960-61)*. Trad. Dulce Duque Estrada. RJ: Zahar, 1992.
- LACAN, J. O amor e o significante (1973). In LACAN, J. *Seminário, livro 20: mais ainda (1972-73)*. Trad. M. D. Magno. RJ: Zahar, 1985.
- LACAN, J. Os sulcos da aletosfera (1970). In LACAN, J. *Seminário, livro 17: o avesso da psicanálise (1969-70)*. Trad. Ary Roitman. RJ: Zahar, 1992.
- LACAN, J. *Seminário, livro 20: mais ainda (1972-73)*. Trad. M. D. Magno. RJ: Zahar, 1985.
- PLATÃO. *Diálogos*. Trad. Carlos Alberto Nunes. Belém: Universidade Federal do Pará, 1980.
- PLATO. *The Symposium* (Penguin Great Ideas) [iBooks]. Trad. Christopher Gill e Desmond Lee. UK: Penguin Books, 2006.

20 Lacan, J. *Seminário, livro 20: mais ainda (1972-73)*. Trad. M. D. Magno. RJ: Zahar, 1985.